



**POÉTICAS NEGRAS:
encruzilhadas entre a cosmovisão africana e
o ensino de teatro**

**POÉTICA NEGRA:
encrucijada entre la cosmovisión africana y la enseñanza del
teatro**

**BLACK POETICS:
crossroads between african cosmovision and theater
teaching**

Eneida Campos de Carvalho e Silva¹
<https://orcid.org/0000-0001-9004-9526>

Vinícius da Silva Lírio²
<https://orcid.org/0000-0002-2285-5558>

Resumo

Este artigo compartilha possibilidades para construção de poéticas negras no ensino de Teatro, a partir dos princípios da cosmovisão africana. Para tanto, o pensamento de estudiosos/as como Leda Maria Martins (1995; 2002) e Evani Tavares Lima (2010) entre outros pesquisadores voltados para artes e epistemologias afrocentradas, atravessa teoricamente o estudo aqui partilhado. Intenta-se, assim, instigar outros/as professores/as a arquitetar propostas de criação próprias, considerando essas referências afrocentradas, no sentido de construir experiências estéticas com os estudantes. Essa escrita parte de (auto)narrativas, em uma abordagem metodológica que inclui a (auto)etnografia e o método cartográfico.

Palavras chave: Cosmovisão Africana, Ensino de Teatro, Poéticas Negras.

Resumen

Este artículo comparte posibilidades para la construcción de una poética negra en la enseñanza del Teatro, basada en los principios de la cosmovisión africana. Por lo tanto, el pensamiento de estudiosos como Leda Maria Martins (2002) y Evani Tavares Lima (2010), entre otros investigadores enfocados en artes y epistemologías afrocéntricas cruzan teóricamente el estudio, compartido aquí. Así, se intenta incitar a otros docentes a idear sus propias propuestas de creación, considerando estos referentes afrocéntricos, con el fin de construir experiencias estéticas con los estudiantes. Este escrito parte de las (auto)narrativas, en un abordaje metodológico que incluye la (auto)etnografía y el método cartográfico.

¹ Universidade Federal de Minas Gerais - Doutoranda - Pesquisa concluída (2020) - Pedagogias do Teatro - Orientador Prof. (Autor) - Professora de teatro e artista das artes da cena da música.

² Universidade Federal de Minas Gerais - Prof. Dr. Adjunto - Pesquisa concluída (2020) - Pedagogias do Teatro - Professor, encenador e performer.

Palabras clave: Cosmovisión Africana, Enseñanza del teatro, Poéticas Negras.

Abstract

This paper shares possibilities for the construction of a black poetics in the teaching of Theater, based on the principles of the African cosmovision. Therefore, the thinking of scholars such as Leda Maria Martins (2002) and Evani Tavares Lima (2010), among other researchers focused on arts and epistemologies Afrocentric theoretically cross the study, shared here. Thus, it is attempted to instigate other teachers to devise their own creation proposals, considering these Afro-centered references, in order to build aesthetic experiences with the students. This writing starts from (self)narratives, in a methodological approach that includes (auto)ethnography and cartographic method.

Keywords: African Cosmovision, Black Poetics, Theater Teaching.

O presente artigo aborda a criação de poéticas negras para o ensino de teatro. Inspiradas nos princípios da cosmovisão africana, estas poéticas foram pensadas para o território da Educação Básica. Este estudo foi construído no contexto da pesquisa de mestrado da autora, no decorrer da qual se destacou a percepção de ausências de referências negras no contexto escolar e, ainda, no Ensino Superior, especialmente nos cursos de licenciatura em Teatro e em História, lugares de formação e atuação docente dos autores.

A partir de (auto)narrativas negras da pesquisadora, percebemos haver nas mesmas e, antes, nos contextos que as dispararam, a presença de princípios de uma cosmovisão africana. Diante desse reconhecimento, buscamos, aqui, estimular propostas de poéticas no ensino de teatro implicadas em criações atravessadas por valores civilizatórios africanos, sendo eles: memória, ancestralidade, circularidade, oralidade, corporeidade, musicalidade, energia vital, ludicidade, cooperativismo/comunitarismo, integração.

Diante destas percepções, no contexto de aulas de Teatro, e por compreender importância da construção de experiências que possibilitem ao/à estudante construir relações consigo, com o outro e com o mundo, refletimos sobre a nossa prática docente e percebemos que, em algumas proposições pedagógicas, por exemplo, no caso da autora dessa escrita, houve uma negligência quanto a estes princípios e a outras referências afrocentradas, ao propor aulas conteudistas, atravessadas por práticas e terminologias hegemônicas, esvaziadas de sentido para os/as estudantes.

No sentido de construir uma prática artístico-pedagógica marcada por outras epistemologias, especialmente aquelas do Sul (SANTOS, 2021), investimos em uma abordagem da educação comprometida com a desconstrução de preconceitos e convenções emaranhados na sociedade brasileira, aqui, por meio de oportunidades capazes de proporcionar e criar, com os educandos, vivências em poéticas negras.

Olhar para essas epistemologias pode possibilitar, então, que grupos sociais oprimidos representem e expressem o mundo do seu lugar, nos seus termos. Assim, vale sublinhar que, o Sul, nesse contexto, para Boaventura de Souza Santos (2021), diz respeito a um "Sul epistemológico", isto é, não tem relação com uma abordagem geográfica, sendo ele, então, composto por muitos "suis epistemológicos", conhecimentos produzidos em um movimento anti-capitalista, anti-colonial e anti-patriarcal.

Segundo suas palavras,

as epistemologias do Sul referem-se à produção de conhecimentos ancorados nas experiências de resistências de todos os grupos sociais que têm sido sistematicamente vítimas da injustiça, da opressão e da destruição causadas pelo capitalismo, pelo colonialismo, pelo colonialismo e pelo patriarcado. (Ibid., p. 17)

Com essa abordagem no horizonte, nesta escrita, que é desdobramento da pesquisa de mestrado da autora, nosso recorte responde a uma demanda conjuntural e histórica no que tange a poéticas, pedagogias e referências afrocentradas, o que acaba por ir ao encontro de perspectivas e práticas em prol de um ensino para as relações étnico-raciais negras, num comprometimento combativo ao sistema que violenta a população negra: o racismo.

Na sociedade brasileira, como um mecanismo estrutural, o mesmo se constitui com vestimentas veladas, ocupando concepções e valores dos sujeitos. Ele atua nas instituições sociais, aumentando os índices de exclusão e as violências contra as pessoas negras que aqui vivem. Dessa maneira é que o racismo constrói redes de desumanização desses sujeitos.

Nesse contexto, a escola é (ou deveria ser) uma instituição social também responsável pela construção de uma educação pautada em práticas de liberdade compromissadas com a socialização e humanização dessa parcela da sociedade. Para que esse movimento de mudança se estabeleça, é importante que o ambiente escolar reconheça este processo histórico de desumanização dos corpos negros no Brasil.

Para Freire (1987, p. 30),

constatar esta preocupação [com a humanização] implica, indiscutivelmente,

reconhecer a desumanização, não apenas como viabilidade ontológica, mas como realidade histórica. É, também, e talvez sobretudo, a partir dessa dolorosa constatação que os homens se perguntam sobre a outra viabilidade – a de sua desumanização. Ambas na raiz de sua inclusão os inscrevem num permanente movimento de busca.

Ao longo dos anos, o movimento negro brasileiro reivindicou que, no ambiente escolar, houvesse uma inserção de histórias e culturas que contemplassem as narrativas da população negra. Essa reivindicação tinha o objetivo desconstruir preconceitos que alicerçam o sistema racista brasileiro. Esta pauta reivindicatória foi contemplada em 09 de janeiro de 2003, através da Lei n. 10.639, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e determinou “incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira’” (BRASIL, 2003).

Ao conquistar o respaldo legal de inclusão de narrativas negras na Educação, dando margens a uma desconstrução de abordagens e estereótipos que violentam a população negra, à multiplicidade de festividades contemplativas da vivência negra, entendemos que, através da arte, podemos nos compromissar com este movimento de humanização dos corpos negros e proporcionar experiências estéticas com os/as estudantes em poéticas negras. E, através delas, possibilitar processos de desconstrução de racismos e sensibilização de novas concepções de vida em direção a uma educação que proponha humanidade.

Assim, é necessário pensar em experiências que envolvam os/as estudantes em possibilidades outras de pensarem e atualizarem discursos sobre as diversidades que o país possui, de vivenciar oportunidades que os façam reconhecer, assim como, criar outras possibilidades de ser e estar no mundo, de construir espaços internos de empatia para outras fronteiras culturais.

No ensino de Teatro, esse movimento implica entender que estas construções pedagógicas e poéticas perpassarão por um processo de ações práticas que atravessarão os/as estudantes, em seus corpos e vivências. Assim, nesse estudo, propomos a organização de ações dessa natureza que serão pensadas por meio de estruturas para criações cênicas, isto é, a constituição de uma poética negra.

Atravessamentos conceituais, pedagógicos e estéticos de uma Poética Negra

O que estamos nomeando, aqui, como "Poéticas Negras" diz respeito àqueles programas de arte, nesse caso, processos criativos no teatro, que têm os traços das teatralidades negras como

referenciais, a saber, alguns deles: manifestações negras pós-diaspóricas; repertórios culturais e estéticos afrocentrados; discursos e propostas de resistências; arcabouço teatral fundante, que traduz e expressa a experiência expressiva do negro; poéticas que incorporem a pluralidade da nossa constituição cultural; e, por fim, os valores civilizatórios da cosmovisão africana; entre outros traços coerentes que os processos criativos e pedagógicos desenvolvidos. Nesse contexto, o teatro negro pode compor um arsenal de simbologias que arquitetam essas teatralidades.

A concepção da professora Evani Tavares Lima (2010, p. 43) dialoga com nossa perspectiva, ao dizer que o teatro negro seria "[...] aquele que abrange o conjunto de manifestações espetaculares negras, originadas na Diáspora, e que lança mão do repertório cultural e estético de matriz africana como meio de expressão, de recuperação, resistência e/ou afirmação da cultura negra".

Entre as possibilidades de criação no campo das artes, no forjamento de pedagogias e epistemologias outras, vislumbramos um caminho no qual a teatralidade negra pode se alimentar dos valores civilizatórios da cosmovisão africana. Estes, por sua vez, estão imersos nos saberes e fazeres, nas manifestações culturais que compõem as festividades brasileiras, nas religiosidades, nas expressões artísticas, nas construções de resistências ao longo da história, além de outros aspectos que podem ser vistos de forma diluída na concepção negra de ser e estar no mundo.

Para compreender a cosmovisão africana, é preciso evocar a construção histórica que se deu no Brasil entre os séculos XVI e XIX: uma formação colonial a partir de uma economia estruturada no regime de mão de obra escravizada. Através do tráfico humano, oriundo de diversos territórios do continente africano para o Brasil, vieram de lá, com homens, mulheres e crianças, suas formas de pensar, formas de interpretar o mundo, seus valores, a sua compreensão do sujeito íntimo e do sujeito coletivo. É nesse sentido que Rosa Margarida de Carvalho Rocha (2011, p. 22) nos revela que a “cosmovisão africana é a ótica africana sobre o mundo e suas relações representam princípios que orientam o viver africano, seu modo de organização social, seus valores e formas de ver e entender o mundo”.

Desta forma, é importante saber que, a construção brasileira foi feita sobre a égide das cosmogonias africanas, indígenas e europeias. Neste estudo, com a bênção aos meus mais velhos, evocando minha ancestralidade, realizo o recorte dos valores civilizatórios da cosmovisão africana de mundo.

Este estudo, no campo do ensino de Teatro, estruturado a partir da cosmovisão africana de mundo, nasceu após a autora assistir a muitos espetáculos de Teatro Negro no cenário brasileiro, além de ser atriz em alguns deles. Ao observar essas criações, delinear as pautas e discussões ocorridas em fóruns artísticos e em conversa com pares da cena negra, observamos que, de um discurso pontual sobre as relações políticas e sociais, os grupos começaram a desenvolver novas poéticas para suas montagens, ressignificando os espetáculos com signos, símbolos, sonoridades e corporeidades afrobrasileiros.

Acerca disso, Leda Maria Martins (1995, p. 65) ressalta que

a partir desta teatralidade, dos seus signos constitutivos e de reconhecimento, pode-se repensar o sentido de um teatro que não se subordina ao texto dramático convencional e, acima de tudo, pode-se rever a percepção do próprio texto dramático, que se destina à representação em um palco convencional. Pensar em Teatro Negro, em uma acepção estrita, demanda, portanto, a compreensão e o reconhecimento desse arcabouço teatral que funda a própria experiência expressiva do negro, sem reduzi-lo a um agrupamento de textos elaborados por escritores negros ou reunidos por uma temática racial.

As movimentações realizadas nesse sentido, em relação às questões étnico-raciais, tendo como marco a criação do Teatro Experimental do Negro (TEN), em 1944, contribuíram para ativar mecanismos refletidos nas produções artísticas ligadas à temática negra. Dentre estes, podemos citar a emergência e/ou ressignificação de símbolos da cultura afro-brasileira ou de origem africana, aliada à busca por personalidades e histórias da ancestralidade negra.

Nesse contexto, diversas criações obtiveram uma relação estreita com as culturas afro-brasileiras, agregando, além do texto dramático, elementos simbólicos culturais para a cena, para o texto espetacular. Quanto a isso, Jesus (2016, p. 77) pontua:

O teatro negro é afirmativo, está comprometido com a construção de um teatro nacional que incorpore a pluralidade da nossa constituição cultural. Como obra de arte, tem um discurso próprio. Em seu sistema de signos, apresenta símbolos que desafiam e dialogam com a sociedade, provocando discussões, ousando encontrar outros sentidos e caminhos diante e além da realidade. Representa a realidade, mas também expressa a realidade de forma própria, criando outros cenários de representação.

As conquistas políticas ocorridas nos últimos anos referentes às demandas da população negra são um indicativo das transformações motivadas por tal marco político, o Teatro Experimental do Negro, assim como por outras ações e debates ao longo da nossa história.

É no curso desse movimento, que a experiência estética, na poética negra, como proposta aqui, perpassa por vivências que são estruturadas a partir de princípios dessa cosmovisão, a saber: memória, oralidade, ancestralidade, circularidade, corporeidade, musicalidade, energia vital, comunitarismo/cooperativismo, integração, ludicidade. Junto a isso, é atravessada, ainda, pelas narrativas, referências e práticas negras para criação artística. A nossa proposição consiste em pensar a construção de aulas de Teatro que tenham uma correlação entre princípios que atravessem esses elementos, suas dimensões e territórios.

A construção dessa poética, para o ensino de Teatro, implica, então, a criação de experiências para que os/as estudantes possam entrar em contato e partilhar narrativas e ações cênicas que constituem seus universos e, com isso, desvelar falas, discursos e memórias historicamente silenciadas para a população brasileira.

O intuito, diante de um agrupamento de estudantes majoritariamente composto por pessoas negras, como é o contexto de atuação da autora, é que esse conjunto de referências possa criar e fortalecer seus laços de identificação racial negra. Além disso, o desejo é, ainda, que estudantes não-negros/as possam vivenciar concepções de mundo diferentes de suas realidades, daquelas hegemônicas, e conceber outras possibilidades de ser e estar no mundo. Seria o caso de vivenciar, assim, experiências que lhes possibilitarão estados provocativos de tensões, reflexões e dilatação de fronteiras que regem sua concepção de mundo.

As práticas teatrais, numa poética negra, conforme proposto aqui, tematizam as relações de alteridade nas quais os corpos negros são postos na sociedade. Dessa maneira, problematizam, corporal, discursiva e ideologicamente, os estados de tensão ocasionados pela estrutura de um sistema social racista.

Na dinâmica da alteridade, pensando os sujeitos enquanto atravessados por dimensões múltiplas de vivências, são diversas as concepções que cada um/uma constrói de si e do outro. Promover espaços criativos no contexto escolar, em uma poética como a que estamos buscando, concebemos movimentos de trânsitos interpessoais, nos quais os sujeitos possam mover suas perspectivas em direção ao outro, reconhecer o outro e se predispor ao lugar do outro.

Nesta perspectiva, Kabengele Munanga (2003, p. 11) nos ajuda a pensar alteridade, ao dizer que a mesma

[...] corresponde simbolicamente a uma apreensão da humanidade levando em conta as duas exigências: reconhecer a alteridade do outro, concordando ao mesmo tempo,

sem reserva, que ele partilha conosco, inteiramente, essa identidade específica que faz de cada um ser humano um eu, isto é, uma subjetividade. Nessa única condição, a alteridade do outro é apreendida através da convicção de que ele se afirma ao mesmo título que nós, como sujeito (a não como um objeto ou um animal). Como nós, ele aparece não ser redutível a nada que o define e que ao defini-lo o separaria de nós – que essa separação seja do sexo, da raça, da cultura, da classe ou de grupo social, até mesmo da idade.

A vista disso, a alteridade é constituída a partir de sujeitos em espaços-tempo de interação. No ensino de Teatro, como compreendido aqui, seria provocado um campo relacional onde os/as presentes perpassariam por experiências estéticas, em processos criativos afrocentrados, construindo espaços de investigação artística, nos quais emergirão subjetividades múltiplas que valorizarão, ao mesmo tempo, em que tensionarão, as alteridades existentes e o território escolar.

Mapa Afropoético: o criar por entre uma cosmovisão afrocentrada

Ao pensar o processo criativo arquitetado para as aulas de teatro, reconhecemos a existência de uma dimensão mais ampla a ser pensada do que aquela atrelada apenas à organização das ideias desse/a professor/a para inserção do que está posto na lei 10.639/2003. De onde o/a professor/a vai partir? Como ele/a vai abordar a proposta?

Desta forma, neste artigo, assim como na pesquisa da qual ele é desdobramento, buscamos inspirar professores/as a criarem suas poéticas para o ensino de Teatro, com perspectiva e enfoque no que propomos, aqui, como possíveis Poéticas Negras. Para auxiliá-los/as nesse sentido, foi criado o que chamamos de *Mapa Afropoético*.

Para melhor explicar essa proposta, trazemos o conceito de “tempo espiralar”, de Leda Maria Martins (2002, p. 79), no qual ela diz que concebe o tempo como

uma percepção cósmica e filosófica que entrelaça, no mesmo circuito de significância, a ancestralidade e a morte. Nela o passado habita o presente e o futuro, o que faz com que os eventos, **desvestidos de uma cronologia linear, estejam em processo de uma perene transformação e, concomitantemente, correlacionados.** (Grifos nossos)

Assim, inspirada neste pensamento de Martins (2002), de uma perspectiva e abordagem do tempo não linear, podemos pensar num movimento espiralar para pautar nossa criação. Mas, antes de desdobrar esse pensamento, convidamos você, leitor/a, a deslocar seu olhar para o *Mapa Afropoético*:

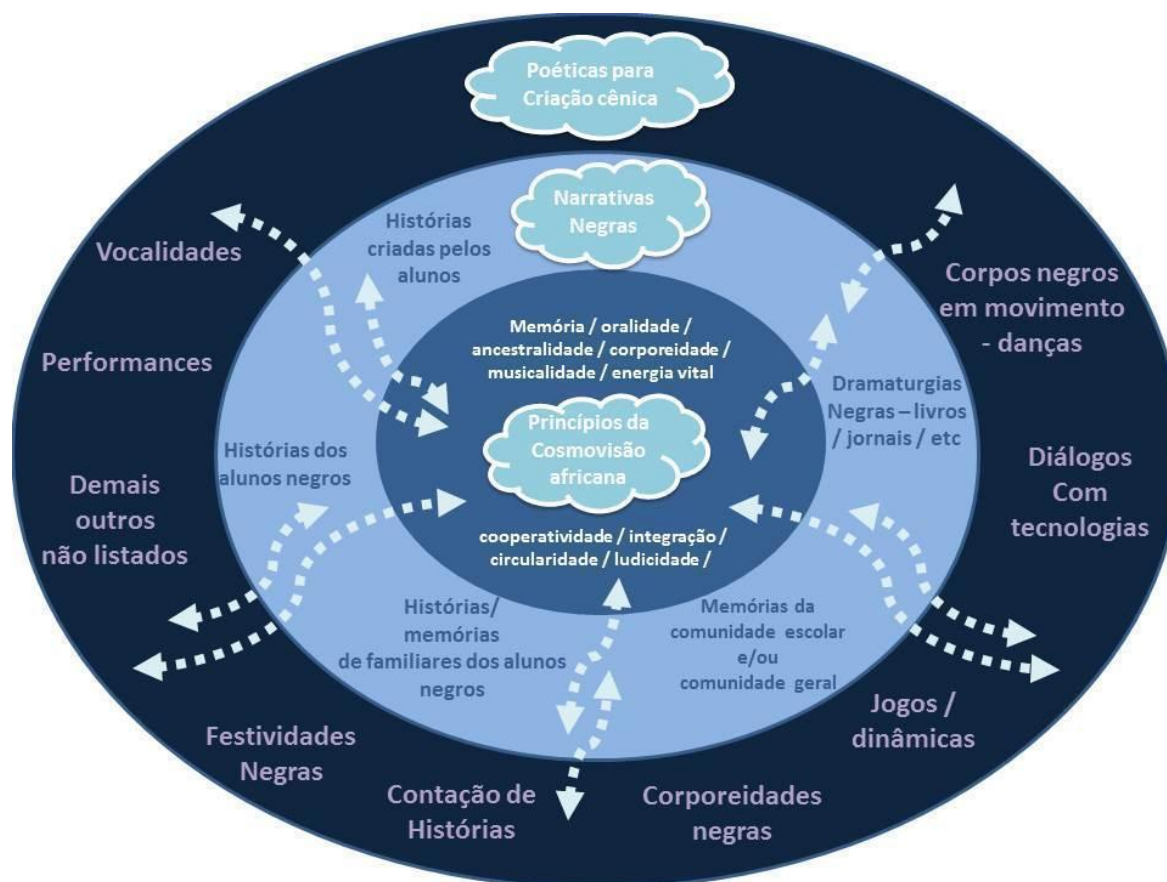


Figura I – Mapa Afropoético

Fonte: Elaborado a partir da pesquisa realizada (2020)

Como podemos observar, o mapa possui três esferas e todas elas estão correlacionadas. Ao centro do mesmo, há uma esfera onde estão os princípios da cosmovisão africana. Numa segunda esfera, temos as narrativas negras que poderão ser compostas por: histórias dos/as estudantes negros/as da escola; histórias fictícias criadas pelos/as mesmos/as, mas que partem de alguma temática negra; histórias baseadas nas memórias dos familiares desses/as estudantes negros/as e/ou da comunidade escolar e/ou daquela na qual a escola está inserida; como, também, dramaturgias negras publicadas em livros, jornais e demais fontes escritas.

Para finalizar, temos uma terceira esfera, na qual estão algumas possibilidades múltiplas para composição de poéticas para criação cênica. Uma esfera responsável por processos artísticos, como os jogos e dinâmicas cênicas, construção de performances, criações em diálogo

com as tecnologias, corporeidades negras, vocalidades, corpos negros em movimento (dança), festividades negras, contação de histórias e outras possibilidades de criação.

A proposta para instigar o/a professor/a a criar outras possibilidades de trabalho, seus próprios caminhos e arranjos, arquitetar suas proposições pedagógicas, atravessadas por uma poética negra, parte deste mapa, fruto das experiências docentes da autora, de suas poéticas. Considerando esses atravessamentos, o mesmo poderá disparar, em um movimento espiralar – não linear – ações potenciais para abordar, por exemplo, o que está determinado pela lei 10.639/2003. O/A professor/a pode partir dos princípios da cosmovisão africana, criar uma correlação com uma narrativa negra e propor interatividade com as poéticas para criação cênica.

O seu caráter espiralar sublinha sua não linearidade, suas múltiplas possibilidades de ações artístico-pedagógicas, de entradas e saídas, de agenciamentos dialógicos e relacionais. Não tem pontos de partida e, tampouco, de finalização fixos. O planejamento pode ser iniciado em qualquer esfera, mas deverá compor um movimento espiralar, correlacionando-as.

Suas linhas de correlação estão pontilhadas, pois não constituem um caminho rígido, estão abertas às novas ideias e percursos, que podem surgir no decorrer da construção. As setas também estão com formatos abertos, podendo tomar qualquer direção, pois, têm a possibilidade de partir de qualquer ponto. O importante é a correlação das três esferas.

Durante a pesquisa que deu origem a este estudo, foi possível compreender que não é uma obrigatoriedade iniciar uma proposta de criação na sala de aula, por exemplo, a partir dos princípios da cosmovisão africana. Eles podem atravessar toda poética. O/A professor/a pode dar início ao processo, de outra maneira, entre narrativas negras: organizar com os/as estudantes o recolhimento de narrativas de pessoas negras da escola para narrar suas memórias; entrar em contato com algum representante da comunidade ou mestre dos saberes, para saber histórias do bairro e/ou vivências dos mesmos com a comunidade e com a escola; e/ou integrar seus familiares; ou levantar histórias negras na biblioteca da escola. As possibilidades são tantas que não temos como - e nem desejamos - encerrá-las aqui.

A partir das narrativas negras, mapear, compreender e sistematizar quais são os princípios dessa cosmovisão que estão presentes nas mesmas ou que precisam ser apresentadas à comunidade escolar. Podemos partir da narrativa e observar as presenças ou ausências desses princípios.

Há a possibilidade de iniciar a organização dessa poética a partir de procedimentos relacionados ao fazer teatral (poéticas para criação cênica). O/A professor/a pode trabalhar as contações de histórias com os/as estudantes. A partir do quê, quais temáticas essas contações de histórias vão trabalhar nas poéticas negras? Isso será concretizado a partir da correlação às outras esferas propostas no *Mapa Afropoético*: as narrativas negras e os princípios da cosmovisão africana.

Então, para que possamos pensar a criação na escola, no desenho de uma poética negra, acreditamos que observar este *Mapa Afropoético*, compreender as potências das três esferas e correlaciona-las à uma proposta poética própria seja um caminho.

Este mapa possibilitaria ao/a professor/a negro/a, como, também, a quaisquer docentes que não tenham experiências com narrativas da negritude, realizar esse movimento espiral, não linear e desenvolver suas sequências para criação de poéticas negras no ensino de teatro. Por fim, vale negritar, este é um mapeamento e, como tal, foi desenvolvido gradativamente, obtendo versões cada vez mais lapidadas e que pudessem melhor contribuir para a inspiração dos/as professores/as. E, como mapeamento, ele continua e permanecerá aberto a outras possibilidades, inserções e novas aberturas.

Considerações de um tempo espiralar

Em determinado momento no desdobramento dessas reflexões pedagógicas, mesmo não tendo formação para as relações étnico-raciais no contexto das universidades pelas quais passamos, propomo-nos a um desafio: desenvolver um trabalho que possibilitasse a implementação do que estava prescrito na Lei 10.639/2003.

Mas, quando não temos indicativos para a realização dos nossos caminhos pedagógicos e artísticos almejados, o percurso investigado das nossas práticas e, logo, deste estudo se dá (muitas vezes) pela indagação: como navegar em meio à tempestade? Como mapear e, por vezes, inventar arranjos que respondam às demandas de epistemologias outras?

No início, não havíamos navegado pelos mares do ensino das relações étnico-raciais, no contexto do ensino de teatro no ensino regular. Mas, prontificamo-nos a navegar por este mar bravio que é a educação, dispostos a encontrar calmarias e maremotos.

Assim, foram iniciadas algumas tentativas de aulas de arte que fossem atravessadas por referências da negritude. Porém, as aulas estavam se tornando aulas de história e/ou mesmo

palco para militâncias da autora enquanto mulher, negra, periférica. Por mais que a pesquisadora pudesse ter boas intenções, eram ações nas quais não havia o protagonismo dos/as estudantes. E, para complementar a maresia, havia a pergunta: onde estão as aulas de teatro?

Mas, como diz Martinho da Vila: “quem é do mar não enjoa”! Assim, embarcamos novamente nesse imenso mar que é a educação, em busca de uma pedagogia para o ensino de teatro e que trouxesse as vivências negras. Começamos a navegar com uma canoa muito estreita – ainda fraca para embarcar e navegar grandes distâncias. Esta canoa era a constituição de pensamentos e utopias e, apesar de ser um transporte para sua travessia, era preciso fortalecer o barco. Trazer para o mesmo algo que nem mesmo a academia tinha de força.

O barco se fortaleceu com as memórias e vivências obtidas em outros portos.

A fortaleza se estabeleceu, para aquela pesquisadora, com as manifestações culturais negras, com as relações sociais que se deram num quintal banhado de plantas, celebrações, rezas e benzeções. Ela revisitou memórias de sua infância preta com seus familiares, memórias de conhecer e vivenciar o congado, memórias de conhecer terreiros de religiosidades de matriz africana, entre outros espaços que a fizeram compreender que todos eles tinham princípios em comum: ancestralidade, memória, oralidade, integração, ludicidade, musicalidade, corporeidade, energia vital, comunitarismo/cooperativismo, circularidade.

No despertar para estes princípios da cosmovisão africana, o barco se tornou mais forte. Por saber de onde vinha e trazer essa fortaleza para navegar. Assim, as instabilidades e maresias eram melhor encaradas, pois, agora, junto às suas utopias e pensamentos, carregava valores afrocentrados.

Nesse passo, ela começou a desenvolver aulas de arte com toda a bagagem dessa viagem. As aulas começaram a fazer sentido. Algumas precisavam de pequenos ajustes, mas, era preciso aprofundar mais nessas experiências através de um estudo. Além de lapidar sua práxis, era preciso anunciar, aos novos marinheiros, que é possível fazer travessias. Muitos deles, desejavam desenvolver experiências de navegar no mar da educação, com as velas das relações étnico-raciais guiando a travessia, mas, tinham medo de naufragar.

A partir dessa compreensão, ela se perguntava: Como é que vou fazer para desenrolar? Como orientar os navegantes sinalizando que é possível navegar com estas velas e que elas podem nos levar a grandes travessias? Nesse sentido, começamos a desenvolver a pesquisa que

desembocou em um estudo com o intuito de aprofundar e refletir acerca das práticas da pesquisadora, como também, auxiliar outros professores a encontrar uma poética para suas aulas.

Na referida pesquisa, compartilhamos reflexões a partir da trajetória da autora, enquanto estudante da licenciatura em história, como também da licenciatura em teatro, abordando as ausências de narrativas negras em ambas formações. Nesse contexto, o/a leitor/a pode entrar em contato com algumas experiências em espaços culturais e com a importância delas para formação das relações étnico-raciais da autora. Apresentamos crônicas escolares nas quais foram entrecruzadas as narrativas de presença negra em espaços culturais com sua poética negra para o ensino de teatro.

Convocamos, aqui, a matriarca responsável pelas narrativas de presença negra na caminhada da pesquisadora, quem alumiu seus caminhos afrocentrados e, também, essa escrita, a Senhora das plantas. Este estudo se apresenta, então, como uma semente.

Adubamos e aguamos suas estruturas e obtemos alguns dos resultados compartilhados aqui. Mas, entendemos que os dois anos de processos não foram suficientes para desenvolver todas as riquezas que ela pode nos oferecer nesse mar da educação. Assim, como a Senhora das Plantas tinha o dom de entender o tempo das plantas e o seu semear, entendemos que, para este tempo do agora, esse estudo desenha um ciclo aqui e entra no tempo de sua primeira frutificação para, futuramente, fazer brotar outros frutos.

Referências

BRASIL. **Lei nº 10.639**, de 09 de janeiro de 2003. Brasília, DF, 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

JESUS, Cristiane Sobral Correa. **Teatros negros e suas estéticas na cena teatral brasileira**. 2016. Dissertação (Mestrado em Arte) - Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

LIMA, Evani Tavares. **Um olhar sobre o Teatro Negro do Teatro Experimental do Negro e do Bando de Teatro Olodum**. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas,

Instituto de Artes. Campinas, SP, 2010.

MARTINS, Leda Maria. **A cena em sombras**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

MARTINS, Leda. **Performances do tempo espiralar**. In: RAVETTI, Graciela; ARBEX, Márcia. (Orgs.). *Performance, exílio, fronteiras: Errâncias territoriais e textuais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. p. 69-91.

MUNANGA, Kabengele. Diversidade, etnicidade, identidade e cidadania. Ação Educativa, ANPED. **Palestra proferida no 1º seminário de Formação Teórico Metodológica, São Paulo**. 2003. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Palestra-Kabengele-DIVERSIDADEEtnicidade-Identidade-e-Cidadania.pdf>> Acesso em: 05 jan. 2020.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. **A pedagogia da tradição: As dimensões do ensinar e do aprender no cotidiano das comunidades afro-brasileiras**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte (MG), 2011.

SANTOS, Boaventura de Souza. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul**. Belo Horizonte: Autentica, 2021.